

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ARTE, VIDA, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE NA OBRA DE EMMA GOLDMAN: UM FEIXE LIBERTÁRIO

Larissa Guedes Tokunaga¹
Diversitas/FFLCH-USP
lariguatokunaga@gmail.com

Resumo

O fazer-artístico sempre ocupou um espaço candente no exercício cotidiano dos anarquismos, seja pela fabulação e prática cotidiana de estruturas de afetos “outras” seja pela possibilidade de engendrar obras que desviam do circuito mercadológico que acaba capturando a verve libertária. Emma Goldman, nesse diapasão, teceria contundentes críticas à desarticulação entre arte e uma “nova visão da vida”. Tem-se como escopo mapear alguns dos diagnósticos desta anarquista acerca não somente da arte enquanto elemento que foi alienado da organicidade de um potencial libertário como também da expressão sexual como eixo criativo da emancipação. O cotejo dos principais ensaios desta intelectual, os quais versam sobre arte, educação e sexualidade, incita a perquirir como o fazer-artístico e uma deseducação contra o puritanismo sexual seriam vislumbrados enquanto potenciais vitais/humanos. Assim, será possível vislumbrar a inextricabilidade entre ética e estética ao longo da teoria-ação radical goldmaniana.

Palavras-chave: anarquismos; arte; pedagogia libertária; subjetividades

Introdução

A presente investigação genealógica partirá da estrutura de poderes que Goldman identifica ao alinhar potencial artístico, sexual e militante. O método inspirado na obra foucaultiana permitirá o rastreamento de uma lógica difusa entre discursos/práticas que não são redutíveis a um prisma

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades do Diversitas, núcleo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior– Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

linear: como Emma Goldman diagnosticava, em tessitura, liames entre educação repressora, instinto sexual e potência criativa no bojo de um horizonte antiteleológico?

O ensaio procurará mostrar que, para Emma Goldman, o Puritanismo seria uma moral tão insidiosa que não só aniquilaria a expressão vital do corpo, mas qualquer gesto criativo que ousasse romper com a massificação. O que está subjacente ao pensamento goldmaniano é a tentativa de reabilitar as individualidades solapadas por uma massificação que tolheria quaisquer emergências de potenciais criativos. Na perene trajetória agonística contra forças reativas conservadoras, os sujeitos que conseguissem expressar sua personalidade em consonância com a natureza provocariam uma disrupção que poderia se espraiar pela esfera pública através da mensagem social da arte.

A criatividade atrelada estreitamente à potência sexual, ambas vistas por Goldman como elementos vitais, facultariam o engendramento de uma vida outra, na medida em que as relações intersubjetivas só poderiam ocorrer de modo antiautoritário a partir da insurgência do corpo e experimentação da minoria que deveria encontrar terreno fecundo desde a infância.

Massificação da arte *versus* arte compromissada com a vida

É possível dizer que a anarquista Emma Goldman (1869-1940) vivenciou a consolidação de um prisma moderno que culminou na naturalização da automatização de processos atrelados ao trabalho e à produção artística. Tendo acompanhado a Revolta de Haymarket (1886) e as consequências do acirramento da tensão capital/exploração do trabalho, esta intelectual, imigrante, obstetra e oradora de origem russa diagnosticaria em seu próprio cotidiano de operária os corolários de uma modernidade calcada sobre valores produtivistas, engendramento de comportamentos autômatos, padrões educacionais massificados. Assim, seus ensaios podem ser lidos como reverberação de um contexto macroscópico em que passa a orbitar uma artificialização das relações intersubjetivas.

Entendendo a arte como ação-direta, a anarquista se dedicaria a conferências sobre literatura e teatro, desvelando as mensagens de crítica social subjacentes às obras. Em sua perspectiva, a comunicação artística deveria transitar entre todos os estratos sociais, despertando a atenção dos indivíduos para mazelas geralmente soterradas pelos discursos dominantes. No cenário norte-americano de recrudescimento da censura e exploração capitalista (1873-1923), Emma Goldman cultivou uma afiada percepção sobre esse compromisso social do fazer-artístico.

Em *Minorias versus maiorias*, Goldman sublinharia como as mediações institucionais baseadas na lógica do Capital se interporiam entre o fazer-artístico e a apreciação do público. Segundo a anarquista nota: “o mecenas de nosso tempo conhece apenas um critério, um valor, o dólar. Não

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

está preocupado com a qualidade de nenhum grande trabalho, mas apenas na quantidade de dólares que sua transação pode lhe render.” (GOLDMAN, 2008, p. 127)

O movimento de resistência contra tal mortificação da fagulha criativa só teria ensejo na medida em que os artistas não se descolassem das singularidades da vida cotidiana, haja vista que sua própria obra correria sempre o risco de se tornar mercadoria. Aqueles que se isolassem em um esteticismo alienado não somente se alijariam de um possível engajamento, mas abandonariam uma articulação com a vida. Arte e interesses vitais, para Goldman, deveriam andar em estreita conjunção, haja vista a constante intermediação de artifícios hegemônicos que tornariam abstrata e capturável a manifestação da organicidade indivíduo/tecido social. Assim, Emma Goldman sintetizaria:

Em outras palavras, aqueles que são colocados em posições que exigem a renúncia da personalidade, que insistem na estrita conformidade com políticas e opiniões políticas definidas, devem se deteriorar, devem se tornar mecânicos, devem perder toda a capacidade de dar qualquer coisa realmente vital. O mundo está cheio de aleijados infelizes. O sonho deles é “chegar”, não importa a que custo. Se ao menos parássemos para considerar o que significa “chegar”, teríamos pena da infeliz vítima. (GOLDMAN, 1914, p. 1)

O alinhamento do fazer-artístico em relação ao contexto e à própria vida dos trabalhadores, portanto, não implicaria em uma ortodoxia panfletária, em uma lógica de agit-prop *stricto sensu*, mas em uma percepção do entorno social que implicasse no abandono da comodidade do pensamento uniformizado e do ideário acabado, estes últimos insensíveis ao devir e às opressões morais. A arte não seria vista enquanto produto, mas como um processo, como uma teoria-ação encarnada na experiência constante de contraconduta em relação aos deveres sociais. Nuançando a perspectiva de que arte comprometida implicaria em alguma subsunção a programas definidos, Emma Goldman afirmaria:

Uma avaliação adequada da tremenda difusão da agitação social moderna e consciente não pode ser obtida meramente pela literatura propagandística. Em vez disso, devemos nos familiarizar com as fases mais amplas da expressão humana manifestada na arte, na literatura e, acima de tudo, no drama moderno - o intérprete mais forte e de maior alcance de nossa profunda insatisfação. (GOLDMAN, 1910, p. 102)

É analisando a estrutura da experiência humana que Emma Goldman vincularia o fazer-artístico individual a um contexto em que o corpo-alma deveria encontrar vazão para resistir aos imperativos sociais. Nesse sentido, além de repousar na opressão material, o antagonismo à criatividade artística encontraria ressonância em uma psicologia povoada por mecanismos de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

controle. Antecipando em alguns aspectos a teoria foucaultiana, a anarquista observaria como o endosso da servidão começaria na renúncia de si, isto é, no bojo de uma subjetividade que ela designaria em diversos discursos como “alma”.

O fazer-artístico deveria estar atrelado à vida, mas não à banalização do cotidiano ou à automatização do processo criativo. Conforme a militante defende em suas leituras de dramas sociais, o gesto estético seria subversivo na medida em que trouxesse à tona uma “*nova visão da vida*” (GOLDMAN, 1991, p.1). O engendramento de outros afetos e liames entre as pessoas só seria facultado a partir do potencial destrutivo/construtivo da experimentação. A arte, portanto, era faceada por Goldman como estimuladora da alteridade, de modo que, aliada a uma educação libertária, poderia romper as camadas estagnadas de preconceito e penetrar na vida prosaica como difusora de um pensamento radical.

Deseducação para a livre (cri)ação, não para a domesticação

Emma Goldman observou que o depauperamento da imaginação na sociedade moderna ocorreria não somente pela conversão do artista em proletário que alienaria sua obra, mas também como efeito de uma educação domesticadora de corpos e consciências. O puritanismo instilado desde tenra idade pelos poderes associados do Estado, Igreja e Capital nas individualidades cindiria a consciência, tornando-a subserviente tanto à moral externa quanto às cobranças introjetadas pelo sujeito e aceitas de modo servil.

É na fase da infância que a anarquista descortina um potencial que seria sufocado pelos códigos civilizatórios, antagonistas do livre desenvolvimento do potencial criativo de cada indivíduo. Valendo-se de um discurso crivado de analogias com processos observados na natureza, a anarquista criticaria a transmissão irrefletida de conteúdos e valores conservadores às crianças. Assim, ela argumentaria: [os pais e professores] “mantêm a delicada planta humana em uma atmosfera de estufa, onde esta não pode respirar nem crescer livremente. (GOLDMAN, 1906, p. 2.)

A fixidez teleológica de uma propalada “natureza humana” deveria ser rechaçada por uma deseducação libertária baseada na autonomia da vontade e do saber-criar. Nesse sentido é que, entusiasta da Escola Moderna², Goldman defendia um aprendizado sintonizado com os desejos de um indivíduo que, ao exercitar a autoassunção, poderia forjar novos liames sociais antiautoritários. Segundo se interpreta a partir do pensamento da anarquista, a educação dirigida para a

² A experiência da Escola Moderna teve como ícone o projeto levado a cabo pelo educador espanhol Francisco Ferrer Guardia, que em 1909 foi fuzilado em função de suas propostas e práticas pedagógicas antidogmáticas, que contrariavam as superstições religiosas e incentivavam a autonomia da criança a partir de um método libertário, direcionado pelas vontades dos sujeitos e não pela transmissão verticalizada do conhecimento.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

competitividade estaria fadada a desmobilizar e atomizar as individualidades, neutralizando qualquer possibilidade de nascimento de obras dissidentes. Conforme ela assinala,

Uma vez que todo esforço em nossa vida educacional parece estar voltado a fazer com que a criança seja um ser estranho para ela mesma, deve necessariamente produzir indivíduos estranhos uns para os outros e em eterno antagonismo uns com os outros. (GOLDMAN, 1906, p. 2.)

Emma Goldman tinha como uma das pautas principais a reivindicação de uma liberdade de expressão que deveria ser assegurada desde a infância e fosse antinômica à repressão sexual. Não por acaso, no bojo do ensaio *O elemento do sexo na vida*, a anarquista associaria o impulso sexual ao senso artístico, mostrando como no corpo livre de moralidades e culpas repousaria um potencial articulador de afetos sociais antiautoritários. Assim, ela afirmaria: “provavelmente é correto falar do instinto sexual como um instinto criativo. O espírito criativo não é um antídoto para o instinto sexual, mas uma parte de sua expressão de força”. (GOLDMAN, 2020, p. 33.)

A lógica puritana aludida e criticada pela anarquista condenaria a expressão da beleza, dos prazeres e da sexualidade, censurando a imanência do corpo em prol de uma redenção moral alcançada pelo autossacrifício. Diante deste cenário, Emma Goldman cultivaria um posicionamento anticlerical que sublinhava as singularidades insubmissas como impulsionadoras de um afeto social que poderia ser mobilizado através da experimentação contínua dos afetos vitais. Segundo ela diagnostica:

Falando do puritanismo em relação à arte americana, o Sr. Gutzon Borglum disse: "O puritanismo nos tornou egocêntricos e hipócritas por tanto tempo que a sinceridade e a reverência pelo que é natural em nossos impulsos foram eliminadas de nós, com a resultado que não pode haver nem verdade nem individualidade em nossa arte." Borglum poderia ter acrescentado que o puritanismo tornou a própria vida impossível. Mais do que arte, mais do que esteticismo, a vida representa a beleza em mil variações; na verdade, é um panorama gigantesco de mudança eterna. O puritanismo, por outro lado, repousa em uma concepção fixa e inamovível de vida; é baseado na ideia calvinista de que a vida é uma maldição, imposta ao homem pela ira de Deus. Para se redimir, o homem deve fazer penitência constante, deve repudiar todo impulso natural e saudável e dar as costas à alegria e à beleza. (GOLDMAN, 1911b, p. 74)

Uma formação uniformizada, em que emoções humanas são sufocadas, estaria a serviço de poderes hegemônicos, endossando a narrativa de que o indivíduo está fadado a delegar seus potenciais ao controle das medições institucionais. Logo, o anticlericalismo aliado a um conhecimento

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estimulado pela vontade seria uma conjunção fulcral para o florescimento de individualidades não servis. A narrativa imanente deveria ser reiterada desde a infância, uma vez que “toda a história do ascetismo demonstra esta verdade irrefutável: a Igreja, assim como o puritanismo, combateu a carne como um mal e quis dominá-la a todo custo.” (GOLDMAN, 1911b, p.77)

A Revista *Mother Earth*: arte e sexo indexados à natureza

Na capa da primeira edição da revista *Mother Earth*, publicada em 1906, é possível notar a representação gráfica de uma mulher e um homem nus, com grilhões rompidos, em aceno para um horizonte aberto, onde se vislumbra um novo amanhecer. Emma Goldman concebia seu trabalho editorial como uma militância em prol da livre expressão e do desenvolvimento de práticas artísticas, pedagógicas, de ações diretas que prescindissem dos artifícios hegemônicos. A natureza, sendo vária e em perene devir, comportaria múltiplas expressões, de modo que sua consonância com o anarquismo se tornava patente em sua crítica aos condicionantes externos e transcendententes.

Levada a cabo como uma revista mensal “devotada à Ciência Social e à Literatura”, a publicação abarcava temáticas que desconstruíam a linearidade da natureza, questionando o evolucionismo, a massificação do pensamento e a censura em relação à divulgação e utilização de métodos contraceptivos. O espaço concedido à literatura mostra que a arte libertária e o pensamento intelectual caminhavam de mãos dadas sob o prisma revolucionário de Emma Goldman. A linguagem seria uma mediação importante para resgatar a imanência, isto é, a consciência de que o indivíduo não estava apartado da natureza e de que suas criações seriam *culturais* em vez de essências atemporais. No editorial da primeira tiragem, a anarquista narraria:

O homem saiu do ventre da Mãe Terra, mas não sabia, nem a reconhecia, a quem devia sua vida. Em seu egoísmo, ele buscou uma explicação de si mesmo no infinito, e de seus esforços surgiu a triste doutrina de que ele não era parente da Terra, de que ela era apenas um local de descanso temporário para seus pés desdenhosos e que ela não guardava nada para ele, mas a tentação de se degradar. Surgiram intérpretes e profetas do infinito, criando o “Grande Além” e proclamando o Céu e o Inferno, entre os quais se erguia o pobre ser humano trêmulo, atormentado por aquele monstro nascido de sacerdote, a Consciência. (GOLDMAN, 1906, p. 3)

Não por acaso, a censura incidiria sobre o periódico, que teve de interromper a circulação em 1917. Anthony Comstock, um inspetor puritano que censurava a divulgação de informações acerca

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de métodos contraceptivos, combatia materiais que, sob sua ótica, seriam “obscenos”. O controle sobre o corpo/alma recrudesceria nos Estados Unidos, incitando à resistência da revista *Mother Earth*. Por meio da divulgação de obras de escritores individualistas e sensualistas do século XIX, tais como Henrik Ibsen, Oscar Wilde, Walt Whitman etc., a revista tecia um trabalho no sentido de desaprisionar o corpo. Segundo veementes palavras de Goldman,

A arte, a literatura, o teatro, a privacidade do correio, de fato nossos mais íntimos gostos, estão à mercê deste inexorável tirano. Anthony Comstock, ou qualquer outro policial ignorante, recebeu o poder de profanar o gênio, lançar por terra e mutilar a sublime criação da natureza: o corpo humano. Os livros que versam sobre as questões mais vitais de nossa vida, e buscam lançar luz sobre os perigosamente ocultados problemas, são legalmente tratados como ataques criminais, e seus infortunados autores encarcerados ou levados ao desespero e à morte. (GOLDMAN, 1911b, p. 80)

As poéticas da insubmissão veiculadas pela revista poderiam situa-la em uma heterotopia segundo o prisma de Michel Foucault. O heterotópico desmonta as teleologias moralizantes que imprimem uma natureza imutável à humanidade. A arte que alimentasse utopias hegemônicas estaria a serviço de fantasmas e superstições que Goldman apontaria como antinaturais. Segundo o filósofo,

As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a sintaxe, e não somente aquela que constrói as frases – aquela, menos manifesta, que autoriza “manter juntos” (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. (FOUCAULT, 1966, p.9-10)

A vida e suas múltiplas variáveis encontravam ressonância nos ensaios publicados ao longo da trajetória de *Mother Earth* por meio de uma dessacralização da linguagem nacionalista, patriarcal, moralista. Na medida em que a verve deveria advir do olhar sensível sobre a singularidade humana, o puro esteticismo ou a “arte pela arte” subscreveria a uniformização aliada aos pensamentos autoritários. A arte seria vista enquanto um franco-falar que atua nos desvios e na fabulação de outros laços coletivos, transitando transversalmente entre espaços dos trabalhadores do estrato excluído da elite. A heterotopia como um lugar estranho em relação aos lugares normativos se expressa no

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

apoio do periódico à formação de teatros comunitários que transformassem os espectadores em produtores ativos do espaço cênico.

Uma arte sem mediações, sem aparatos técnicos, feita por corpos que livremente afetariam outros corpos exigia, para a anarquista, uma organicidade que transigia com as experimentações formais de seu contexto, tais quais as vanguardas russas e o modernismo. Estas últimas não disseminariam um pensamento radical sob o prisma goldmaniano, uma vez que não expressariam um inconformismo diante das mazelas sociais.

Afinada ao Romantismo, Goldman propugnava os impulsos vitais e a potencialidade do *eros* como elementos que tornavam qualquer indivíduo comum capaz de confrontar e transformar seu meio social. Não por acaso, seus discursos eram crivados por metáforas oriundas do mundo natural. É na interconexão entre tais vidas privadas, as *individualidades*, e a natureza como espaço *humano* que a anarquista tecia suas heterotopias em um fazer-artístico indexado à natureza. Não por acaso, a denominação da revista teria sua gênese atrelada à observação da paisagem natural, conforme a anarquista narra em sua autobiografia:

a vida germinava nas entranhas da Mãe Terra...“Mãe Terra” —pensei—, sim esse será o nome! A que alimenta o homem, o homem liberado e sem travas em seu acesso à terra livre! O título ressoava em meus ouvidos como um velho e esquecido cantar. (GOLDMAN, 2015, p. 276.)

Tal prisma notadamente romântico também se afinava ao Realismo, ao desvelamento das relações de poder e ao posicionamento radical que Michel Foucault denominaria como “escândalo da verdade”. (FOUCAULT, 2011.) A arte que fosse porta-voz da crueza dos dilemas humanos e tivesse em seu bojo o antidogmatismo seria mais potente do que um discurso panfletário, justamente por trazer à tona questões soterradas no âmago da subjetividade e não somente encerradas na materialidade das relações capital-trabalho. O fazer-artístico deveria ser conjurado de fantasmas que neutralizassem a revolta individual.

Expressão sexual como eixo para a emancipação integral

Nesse ensejo vitalista, a anarquista propugna que todos os estímulos que fazem a imaginação aflorar seriam tão importantes como o ar, fomentando a humanidade e os laços sociais em vez da uniformidade chancelada pelos contratos institucionais. A moralidade seria um artifício que enverniza

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a natural expressão dos corpos, realçando a falsa necessidade de vínculos patrióticos conformados pelo medo e pela segurança do matrimônio, bem como da educação repressora. Conforme a anarquista defende,

Todos os estímulos que excitam a imaginação e despertam os espíritos são tão necessários para nossa vida como o ar. Estimulam o corpo, intensificam nossos planos de companheirismo humano. Sem estímulos, de uma ou outra forma, o trabalho criativo é impossível, nem tampouco o espírito de bondade e generosidade. (GOLDMAN, 1911b, p. 81)

O enfoque em uma não-abnegação da individualidade humana implicaria em uma organicidade dos instintos individuais com os instintos sociais. Logo, na medida em que não renunciasse à expressão de si, a singularidade estilisticamente trabalhada poderia se reconciliar tanto com seu próprio corpo quanto com o corpo social. Desmontar as narrativas da castidade, impostas sobretudo às mulheres e presentes na formação das subjetividades desde tenra infância, não seria um mero exercício doméstico, mas um gesto estético-político na medida em que a corporalidade emancipada é a base de uma associação de individualidades. Corrobora tal posicionamento a abordagem e divulgação de práticas de controle de natalidade nas páginas de *Mother Earth*, mas deve-se apontar que o aporte intelectual de Emma Goldman foi além. Arrolando uma série de pesquisas de sexólogos, a anarquista argumentou acerca do potencial destrutivo da repressão sexual dos desejos de crianças, subscrevendo teorias científicas que apontavam para o desenvolvimento de neurastenias em função do sufocamento da expressão corporal.

Assim, Emma Goldman formula um diagnóstico holístico sobre as camadas de opressão, reiterando que o anarquismo deveria facear as fases da vida da individualidade humana, desde a infância até a velhice.

Considerações Finais

Estética e ética seriam enfeixadas na obra de Emma Goldman como prismas tão inseparáveis e contínuos que uma Fita de Möebius poderia ilustrar sinteticamente tal relação. E, se vida e arte seriam inextricáveis, as individualidades — que para Goldman seriam “a verdadeira realidade da vida” (GOLDMAN, 1940, p. 2) —, deveriam ter sua livre expressão assegurada no exercício de uma sociedade anarquista. A autonomia do fazer-artístico se coadunaria ao devir da própria natureza, à manifestação dos instintos e dos desejos humanos. Contudo, a arte deveria ser compromissada com a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

articulação vida privada/esfera pública, não descurando de um papel ativo no escancaramento das opressões percebidas já no âmago das subjetividades.

O atrofiamento das potencialidades do corpo, que se manifestava desde o processo educativo forjado para docilizar e alijar as individualidades de suas potências, teria como corolário uma arte que endossa a servidão massificada. As narrativas deterministas, na perspectiva goldmaniana, seriam não somente mercadorias palatáveis como também instrumento persuasivo para a autoabnegação das subjetividades. Destarte, a expressão da sexualidade deveria entrar na pauta artística enquanto elemento humano indelegável a quaisquer normatividades.

A criatividade, atrelada estreitamente à potência sexual na medida em que também seria um elemento vital, facultaria o engendramento de uma vida outra, na medida em que as relações intersubjetivas só poderiam ocorrer de modo antiautoritário a partir da insurgência individual, da manifestação dos desejos subjetivos na esfera pública.

Entendendo que a arte também encerraria um potencial pedagógico, Goldman fez de seu trabalho intelectual de interpretação das obras de dramaturgos de diversos países uma forma de ação direta que imiscuía psicologia, *eros* e política. As obras indisciplinadas que colapsassem o ritmo automático de uma vida destinada à opressão desde o ventre materno, que dinamitassem os pilares da sociedade e fossem engendradoras de uma arena heterotópica, em que as camadas de opressão fossem expostas, seriam a própria “revolução: o pensamento levado à ação” (GOLDMAN, 1911a, p. 31).

Referências

FOUCAULT., M. *A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel. Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

_____. “O sujeito e o poder”. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, pp. 231-249.

GOLDMAN, E. “Anarquismo: lo que realmente significa”. (1911a) *La Palabra como Arma*. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

_____. “Art and Revolution.” *The Emma Goldman Papers: A Microfilm Edition*. Ed. Candace Falk, Ronald J. Zboray, et al. Alexandria: Chadwyck-Healey, 1991.

_____. “Intellectual Proletarians” (1914). Disponível em: theanarchistlibrary.org Acesso em 07 de outubro de 2020.

_____. “La Hipocresía del Puritanismo”. In: *La Palabra como Arma*. (1911b) Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

_____. “La importancia social de la Escuela Moderna”. (1911c). *La Palabra como Arma*. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

_____. “La Tragedia de la emancipación de la mujer”(1906). *La Palabra como Arma*. Tradução espanhola de Alexis Rodríguez. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2010.

_____. “Minorias versus Maiorias”. *Revista Verve*. São Paulo, nº 13, pp. 123-133, 2008.

_____. “The child and its enemies” (1906). Disponível em: theanarchistlibrary.org Acesso em 07 de outubro de 2020.

_____. “The Individual, Society and the State” (1940). Disponível em: theanarchistlibrary.org Acesso em 17 de fevereiro de 2020.

_____. “The Modern Drama: A Powerful Disseminator Of Radical Thought”, *Anarchism and Other Essays*. (1910). Disponível em: theanarchistlibrary.org Acesso em 13 de julho de 2020.

_____. *The Social Significance of the Modern Drama* (1914). Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/emma-goldman-the-social-significance-of-the-modern-drama.pdf> Acesso em 23 de julho de 2019.

_____. *Vivendo minha vida*. Curitiba: L-. Dopa Publicações, 2015.

IBSEN, H. *A Casa de Bonecas*. Lisboa: Livros Cotovia, 2008.

RANCIÈRE, J. *A Partilha do Sensível*. Tradução de Mônica Costa Netto. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2005.

ROSSDALE, C. Rossdale, “Dancing Ourselves to Death: The Subject of Emma Goldman's Nietzschean Anarchism”. *Globalizations*, vol 12., pp. 116-133, 2014.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**